



## Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.3.123-138>

### O percurso dos estudantes surdos no Ensino Profissional e Tecnológico no IFSertãoPE

**Neri da Silva Xavier**, Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no IF Sertão-PE Campus Salgueiro. Especialista em Planejamento Educacional (UNIVERSO) Especialista em LIBRAS (UNIVASF), Especialista em Educação Especial e SAAE (PROMINAS), Graduada em Pedagogia (FACHUSC) e Formação Pedagógica em Matemática (UNIVASF). E-mail: [neri.xavier@hotmail.com](mailto:neri.xavier@hotmail.com)

**Luciana Cavalcanti de Azevedo**, Docente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – IFSertão-PE/ Campus Salgueiro - Professora titular de Química e ciências e tecnologia de alimentos do IF Sertão PE. E-mail: [lucianac.azevedo@hotmail.com](mailto:lucianac.azevedo@hotmail.com)

**Resumo:** A presente pesquisa tem por finalidade avaliar a trajetória dos alunos surdos do Ensino Profissional e Tecnológico do IFSertãoPE desde o processo seletivo até o ingresso no mercado de trabalho. Para isso, revisitamos as políticas educacionais de inclusão para estudantes surdos e sua aplicação nos campi, identificando possíveis dificuldades enfrentadas pelos discentes surdos no ingresso e permanência nos cursos, as práticas educativas inclusivas e o funcionamento do NAPNE. Na fase de investigação foi feito levantamento bibliográfico de autores que vem dialogando sobre a inclusão dos surdos e pesquisa documental. Para a pesquisa de campo foi utilizado questionário que foi aplicado para 18 estudantes surdos, matriculados e egressos, 40 professores e 13 intérpretes da instituição. As respostas revelam que, apesar da maioria dos docentes não saber se comunicar em Libras (92,5%), existe uma preocupação em se capacitarem e em priorizarem metodologias que facilitem a aprendizagem, como aulas expositivas, materiais concretos e aulas de campo. Isso é corroborado pelos discentes, uma vez que 90,9% deles afirmaram ter as necessidades atendidas e estarem satisfeitos com o curso. De uma forma geral, as maiores dificuldades mencionadas pelos discentes estão relacionadas com a pouca interação com os colegas em sala de aula e dificuldades em ler textos na língua portuguesa, como também em fazer cálculos (81,8%). Nesse sentido, a pesquisa trouxe muitos elementos que poderão auxiliar o IFSertãoPE na definição de políticas inclusivas para os estudantes surdos, melhorando a interação entre docentes, interpretes, discentes e até mesmo familiares, reduzindo as barreiras existentes para concretização da aprendizagem e aperfeiçoamento do perfil profissional desses estudantes.

**Palavras-chave:** Surdo, Ensino Profissional e Tecnológico, Inclusão.

#### The path of deaf students in Professional and Technological Education at IFSertãoPE

**Abstract:** This research aims to assess the trajectory of deaf students in Professional and Technological Education at IFSertãoPE, from the selection process to their entry into the labor market. For this, we revisited the educational inclusion policies for deaf students and their application on campuses, identifying possible difficulties faced by deaf students in entering and staying in courses, such as inclusive educational practices and the functioning of NAPNE. In the investigation phase, a bibliographic survey of authors who have been dialoguing about the inclusion of the deaf and documentary research was carried out. For field research, a questionnaire was used, which was Applied to 18 deaf students, enrolled and alumni, 40 teachers, and 13 interpreters of the institution. The answer reveals that, although most teachers do not know how to

communicate in Libras (92.5%), there is a concern with training and prioritizing methodologies that facilitate learning, such as lectures, concrete materials, and field classes. The students corroborate this since 90.9% of them stated that their needs were met and satisfied with the course. In general, the most significant difficulties mentioned by students are related to little interaction with colleagues in the classroom and challenges in reading texts in Portuguese, as well as in marking math calculations (81.8%). In this sense, a survey brought many elements that can help IFSertãoPE in the definition of inclusive politics for deaf students, improving the interaction between teachers, interpreters, students, and even family members, related to the existing barriers achieving learning and improving the professional profile these students.

**Keywords:** Deaf, Professional and Technological Education, Inclusion.

---

**Submissão:** 2021-11-14. **Aprovação:** 2021-12-14. **Publicação:** 2021-12-23

---

## Introdução

Os debates sobre educação inclusiva, iniciados com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos<sup>1</sup> (1990) e com a Declaração de Salamanca<sup>2</sup> (1994) expressaram que a educação é direito de todos e para tanto a escola deve adaptar-se às suas especificidades.

Apesar das conquistas da comunidade surda<sup>3</sup> ao longo da sua história, pesquisadores apontam para a existência do fracasso escolar na educação dos surdos. Esse fracasso, se reflete no analfabetismo massivo, na mínima proporção de surdos no Ensino Superior e na falta de qualificação profissional para o trabalho. Skliar (2016) afirma que as pesquisas tentam justificar essa realidade culpando fatores relacionados à própria surdez, os professores ouvintes e os métodos de ensino. Porém, para o autor o que fracassou na educação dos surdos foram as “representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são os seus direitos linguísticos e de cidadania”.

No Brasil, o marco legal que representou o divisor de águas no contexto da educação inclusiva foi a Lei 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que determina no seu capítulo V, que os alunos com deficiência devem ser matriculados na rede de ensino regular e dispor de atendimento especializado (BRASIL, 1996). Dentro desse contexto, os alunos surdos foram inseridos nas salas regulares. Muitos sem o apoio de recursos como a acessibilidade e intérpretes de língua de sinais, por descaso dos representantes ou pela própria carência desses profissionais. A realidade é que aqueles foram integrados nas salas regulares, porém tendo por parte dos professores das

---

<sup>1</sup> Realizado em Jomtiem, Tailândia, cujo objetivo foi desenvolver um plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.

<sup>2</sup> É uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, políticas e prática em educação especial.

<sup>3</sup> Comunidade Surda é um termo utilizado para representar os sujeitos que congregam com os mesmos interesses e propostas inerentes a causa Surda.

salas comuns um estranhamento quanto à metodologia adequada a ser utilizada na alfabetização destes estudantes (XAVIER, 2020).

Mesmo decorrido dezoito anos da lei<sup>4</sup> que reconhece a Libras como a língua oficial dos surdos, ainda é perceptível que por parte dos professores, que esse estranhamento ainda persiste quando se trata de trabalhar com o surdo a Língua Portuguesa como segunda língua (L2)<sup>5</sup> na modalidade escrita. Diante disso, o que foi efetivado nas realidades escolares, não foi a inclusão e sim a integração destes estudantes.

Nesse sentido, a educação dos surdos é um desafio que vem se arrastando por séculos, principalmente quando se trata da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Para Lodi (2018), “a escrita é assim entendida como uma linguagem do pensamento, das ideias, estabelecendo, desse modo, uma relação com a linguagem interior construída no processo de apropriação da primeira língua”. Compreendemos, nesse sentido, que para que o estudante surdo seja alfabetizado na Língua Portuguesa (L2) na modalidade escrita é necessário metodologias advindas do artefato cultural do povo surdo e, sobretudo que considere a Libras como língua materna do surdo.

Desta forma, esta pesquisa tem como proposta analisar os percursos dos estudantes surdos do Ensino Profissional e Tecnológico matriculados nos sete *campi* do IFSertãoPE, refletindo como se dá o processo de inclusão nos cursos ofertados, o cumprimento das políticas vigentes e o ingresso destes alunos surdos ao mundo do trabalho. A pesquisa também objetivou revisitar as políticas de inclusão destinadas à pessoa surda e verificar como estas se refletem nas práticas dentro dos institutos. Buscamos avaliar as estratégias e metodologias de ensino utilizadas pelos professores, as dificuldades encontradas pelos discentes e a inserção no mercado de trabalho.

## **Desenvolvimento**

### *Levantamento bibliográfico*

Na fase inicial da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico acerca de temáticas relacionadas às políticas públicas para a educação do estudante surdo, fazendo um breve estudo sobre a história da educação tanto no contexto internacional como nacional. Além disso, como o tema dessa pesquisa trata dos percursos dos estudantes

---

<sup>4</sup> Lei Federal nº 10. 436, de 24 de abril de 2002.

<sup>5</sup> De acordo com a legislação atual, a LIBRAS é a 1ª Língua do Surdo e a Língua Portuguesa 2ª Língua.

surdos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), procuramos também fazer um estudo de bibliografias relacionadas à EPT no nosso país e dos princípios filosóficos e pedagógicos que regem este ensino. Podemos então destacar alguns autores que tratam desta temática aos quais nos debruçamos como Libâneo (2002,2004), Saviani (2007, 2003), Oliveira (2009), Ramos (2014), Kuenzer, A.Z. & Grabowsk (2016).

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos também a pesquisa documental e de legislações pertinentes, assim como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e o Projeto Pedagógico Institucional (PPI), compreendendo que estes documentos além de retratar a realidade de cada *campi*, também identificam como o IFSertãoPE pretende desenvolver seu trabalho para um determinado período de tempo.

### *Pesquisa de campo*

Foi realizada a pesquisa de campo no período de janeiro a maio de 2020, com intuito de avaliar o percurso dos estudantes surdos. Procuramos identificar a proposta de inclusão do NAPNE e os projetos que são desenvolvidos em todos os *campi*. A pesquisa contou com a participação de 40 professores, 13 intérpretes de Libras, 18 alunos surdos (11 matriculados, 6 egressos e 1 desistente).

### *Instrumento de pesquisa*

O instrumento de pesquisa adotado foi o questionário *online*. Foram aplicados quatro tipos de questionários, cada um destinado para um público específico (alunos, ex-alunos, professores, intérpretes). Importante ressaltar que a proposta de pesquisa através de questionários estruturados foi submetida à Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos, do IFSertãoPE. Dessa forma, consideramos que esta pesquisa ora se apresenta como uma abordagem qualitativa e ora quantitativa.

Compreendemos então que esta pesquisa não pode, a partir do que se propõe, se restringir ao simples fato de quantificar, pois nem todos os dados obtidos poderão ser quantificados, mas sim analisados diante de uma abordagem centrada num paradigma compreensivo do fenômeno. Porém, não poderemos nos privar desta característica, uma vez que possibilitará obter maior objetividade em alguns aspectos analisados.

## **Resultados e Discussão**

### *Diagnóstico da educação de surdos, sob o olhar do docente*

A pesquisa entre os docentes do IFSertãoPE envolveu 40 professores lotados em seis, dos sete *campi* da instituição. Ao todo foram sete perguntas, todas direcionadas ao ensino e aprendizagem do estudante surdo.

Na primeira pergunta, que questionava se os professores sabiam ou não se comunicar em Libras, mais de 90% dos entrevistados afirmaram que não sabem se comunicar em Libras. A questão 2 referia-se a curso, formação ou capacitação na área de surdez. Apesar de observamos um número expressivo de professores que não sabem libras, uma quantidade expressiva destes (40% dos entrevistados) tem procurado se capacitar na área de surdez.

A partir da terceira questão, direcionamos as perguntas para os aspectos metodológicos do planejamento do professor. A terceira pergunta tratava da antecipação do planejamento prévio do professor para o intérprete de Libras. Não existe oficialmente uma determinação expressa na nossa legislação que trate da obrigatoriedade do professor compartilhar antecipadamente seu planejamento com o intérprete de Libras do estudante surdo, porém compreende-se que se o intérprete tiver o conhecimento prévio dos conteúdos, este poderá melhorar a criação de estratégias que facilitem o ato de interpretar. Porém, esta pesquisa revelou que mais de 75% dos professores NÃO antecipam o envio do seu planejamento para o intérprete.

A quarta pergunta questionava qual a melhor estratégia utilizada pelo professor para ensinar o estudante surdo. É importante destacarmos que alguns educadores ainda tem uma visão equivocada do ensino para o estudante surdo. Por exemplo, falar rápido ou devagar na tentativa de o aluno fazer leitura labial não vai influenciar muito o processo, o importante é compreender realmente os aspectos da visualidade e da libras para estes estudantes.

Na quinta questão, quando questionados se acreditam que os cursos técnicos e profissionalizantes oferecidos pelo Instituto Federal contemplam as reais necessidades dos alunos surdos, grande parte ainda tem dúvidas, apenas uma pequena parcela acredita atender as necessidades dos estudantes. A sexta questão complementa a pergunta anterior pois questiona o que poderia ser feito para melhorar esse atendimento.

As respostas variam, muitos sugerem cursos e formações para os professores que trabalham com alunos surdos. Outros acreditam que é importante a instituição promover reuniões direcionadas para a elaboração de estratégias. Outros, porém, demonstram que a dificuldade está no professor em mudar ou adaptar suas estratégias e sua metodologia de ensino, por mais que já tenha o conhecimento da importância destas mudanças. Outros sugerem a criação e divulgação e recursos pedagógicos para o ensino de estudantes surdos, como a criação de glossário para os termos técnicos e específicos das diferentes áreas.

Na sétima questão, solicitamos que os professores respondessem, a partir de sua prática de ensino como professor da EPT do IFSertãoPE nas salas inclusivas que tem aluno surdo, a cada uma das afirmações sugeridas. A partir da Tabela 1 e das respostas anteriores, percebemos que existe uma preocupação dos docentes em facilitar a aprendizagem do aluno surdo, porém esses precisam ser melhor orientados, principalmente em alguns pontos específicos da pesquisa, como por exemplo no item 1.1 (Tabela 1), ao percebermos que apenas 50% dos professores entrevistados antecipam o planejamento para o intérprete.

Tabela 1. Escala da prática de ensino

<i>Item</i>	<i>Nunca</i>	<i>Ocasionalmente</i>	<i>Frequentemente</i>
<b>1.1- Procura passar antecipadamente meu planejamento para o intérprete.</b>	20	10	10
<b>1.2- No planejamento diário, procuro desenvolver atividades que contemple a visualidade.</b>	08	14	18
<b>1.3- Dou prioridade às aulas de campo/laboratório.</b>	13	19	08
<b>1.4 – Dou prioridade as aulas expositivas</b>	07	10	23
<b>1.5 – Favoreço a interação do aluno surdo com ouvintes.</b>	11	12	17
<b>1.6 – Utilizo materiais concretos.</b>	09	19	12
<b>1.7- Exijo escrita na norma padrão da Língua Portuguesa, dos meus alunos surdos.</b>	18	16	06
<b>1.8 – Avalio a escrita de meu aluno surdo considerando a Língua Portuguesa como segunda língua</b>	16	13	11
<b>1.9- Procuro criar vínculos amistosos com os alunos surdos.</b>	06	03	31
<b>1.10 – Procuro interagir com os profissionais do NAPNE, no sentido de favorecer uma melhor aprendizagem para o aluno.</b>	09	14	17

Fonte: Autora, 2020.

Já em relação à visualidade, vimos que um quantitativo relevante de professores compreende a importância dessa prática para os estudantes surdos (45% dos entrevistados já tem essa prática). Porém 20% afirmam que não usam essa metodologia, o que nos faz refletir novamente sobre a importância do *campus* em desenvolver projetos de capacitação para os professores voltados para Educação de estudantes surdos.

Segundo Lacerda *et al* (2018, p. 186) os “surdos se encontram imersos no mundo visual, portanto não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso utilizar todas as potencialidades visuais dos surdos”.

Outro ponto que merece nossa atenção é o ponto 1.5 (Tabela 1) que trata da interação entre os estudantes surdos e ouvintes. Onze professores (27,5%) afirmam que nunca tiveram essa preocupação e 30% afirmam que ocasionalmente promovem essa interação, ou seja, apenas 42,5% têm essa prática. Sabemos que a interação entre ouvintes e surdos no ambiente escolar é fundamental para que estes se sintam verdadeiramente incluídos no espaço escolar, além de melhorar e facilitar a apreensão do processo educativo destes educandos (FREIRE, 2016). O ponto 1.7 nos aponta que 45% dos entrevistados não exigem a escrita padrão da Língua Portuguesa para os estudantes surdos e 40% afirmam que ocasionalmente cobram a L2 segundo a norma padrão.

Percebemos então que existe todo um processo para que o aluno surdo aprenda a L2 na modalidade escrita. Porém, diante da dificuldade, é necessário que “as escolas se adequem às questões linguísticas apresentadas pelos surdos e concedam a estes o espaço de se comunicar, apresentar trabalhos e fazer avaliações usando a Libras” (BARROS, 2018).

No item 1.10, 22,5% dos entrevistados nunca procuraram interagir com os profissionais do NAPNE e 47,5% procuram ocasionalmente. Nesse ponto vale salientar que o *campus* precisa reforçar a importância deste núcleo para o atendimento dos estudantes com deficiência, sendo que a principal de suas funções é desenvolver ações que visem a inclusão dos mesmos. Portanto, os professores devem procurar apoio neste núcleo sempre que tiver alguma dificuldade nesse processo ou realizar alguma adaptação ou intervenção pedagógica.

#### *Diagnóstico da educação de surdos, sob o olhar do intérprete*

O questionário do intérprete foi encaminhado para 13 profissionais da área que atuam nos sete *campi* do IF Sertão PE. A primeira pergunta questionava qual o vínculo

empregatício com o IFSertãoPE. Observamos que mais de 60% dos intérpretes que atuam na instituição tem vínculo efetivo. Isso nos mostra que há uma preocupação dessa instituição em manter um quadro fixo desse profissional.

A segunda pergunta questionava o tempo de atuação profissional como intérprete. Vimos que 7,78% dos entrevistados possuem menos de 5 anos de atuação como intérprete de Libras. Os demais estão entre 5 e 10 anos e mais de 10 anos. O que nos demonstra que a maioria desses profissionais que atuam no IFSertãoPE tem experiência na área. A terceira pergunta questiona como o intérprete aprendeu libras. As respostas tabuladas nos mostraram que a grande maioria aprendeu libras convivendo com a comunidade surda, o que nos leva a compreender que, apesar do valor e da importância dos cursos de libras, conviver e interagir com a comunidade surda é um dos caminhos mais utilizados, para o propósito de aprender essa língua.

Na quarta questão, solicitamos que os intérpretes nos respondessem a partir de uma escala a frequência para cada uma das afirmações sugeridas. As respostas estão apresentadas na Tabela 2.

O ponto 2.2 trata do planejamento colaborativo entre professor e intérprete. Nesta pesquisa, 69.2% dos intérpretes afirmaram que nunca participaram do planejamento de uma aula com o professor. Esse é um ponto que precisa ser revisto com os profissionais envolvidos do *campus*, uma vez que na busca pela efetivação da inclusão e participação dos estudantes surdos é preciso haver a compreensão de que todos os envolvidos na comunidade escolar fazem parte desse processo (OLIVEIRA, 2009, apud Barros, p. 34). Compreende-se então que diante do princípio da inclusão, estreitar os laços entre professor e intérprete é extremamente importante, quando se trata da aprendizagem do estudante surdo.

Entre os 13 intérpretes entrevistados apenas 4 (30,7%) afirmaram que os professores frequentemente tem confiança no seu trabalho, os demais já passaram por algum tipo de desconfiança por parte do professor. Esse dado nos revela que falta estreitar laços de parceria entre esses dois profissionais no ambiente de trabalho. É preciso que haja um trabalho no *campus* voltado para o planejamento colaborativo entre estes. Além disso, seria importante o campus desenvolver uma ação de cunho informativo, que tenha como foco as atribuições do intérprete em sala de aula e seu código de ética que rege o trabalho deste profissional e principalmente a importância desse profissional no processo

educacional dos estudantes surdos. Nesse sentido é fundamental que haja confiança e parceria entre o professor e intérprete.

Tabela 2. Escala da prática de interpretação

<i>Item</i>	<i>Nunca</i>	<i>Ocasionalmente</i>	<i>Frequentemente</i>
2.1- Colaboro com os professores na escolha de uma metodologia mais adequada.	3	6	4
2.2- Participo do planejamento de aula do professor.	9	3	1
2.3- Preparo recursos didáticos que favoreçam a compreensão dos alunos surdos	4	4	5
2.4- Solicito ao professor, sempre que necessário, a repetição/explicação do conteúdo.	0	5	8
2.5 – Sempre acompanho o aluno nas aulas de campo ou laboratório.	0	1	12
2.6 – Participo de formações na minha área oferecidas por meu Instituto.	2	2	9
2.7- Os professores tem total confiança no meu trabalho	1	8	4
2.8-Participo das reuniões de pais e mestres.	10	3	0
2.9- Procuro criar vínculos amistosos com os alunos surdos.	0	3	10
<b>3.10- Ofereço apoio nas dificuldades encontradas nas atividades fora do meu expediente de aula.</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>9</b>

Fonte: Autora, 2020

Outro item que merece nossa atenção é o 2.8. Dez intérpretes (76,9%) afirmaram que nunca participaram de uma reunião de pais e mestres. Diante desse fato podemos questionar: O *campus* está realizando esse encontro? Caso esteja realizando, porque os intérpretes não estão participando? Vale salientar que a parceria família e escola são de extrema valia para a participação, inclusão e desenvolvimento dos nossos estudantes.

Na quinta questão indagamos sobre a maior dificuldade no âmbito das salas inclusivas, na atuação como profissional Tradutor/Intérprete de Libras. As respostas variaram muito. Alguns citaram a questão de interpretar em alguns componentes curriculares por conta dos termos técnicos sem sinais específicos. Outros expressaram dificuldades em interpretar aulas sem uso de recurso visual adequado e falta de diálogo na construção de um planejamento mais adequado para esse público.

Grande parte demonstrou que a dificuldade era não ter o não acesso ao planejamento do professor antecipadamente para que este pudesse melhor planejar suas estratégias de interpretação. Foi citada também a dificuldade de interpretar para estudantes surdos que apresentam dificuldades na leitura e escrita da L2, como também na própria língua da Libras.

## *Diagnóstico da educação de surdos, sob o olhar do aluno surdo*

No ano de 2020 (ano da pesquisa), o IFSertãoPE possuía 13 estudantes surdos matriculados, distribuídos em 6 *campi*. Destes, 11 responderam ao formulário da pesquisa, sendo o gênero masculino o que prevaleceu (72,7%). Destes, 54,5% estão com a idade entre 20 a 25 anos. Esse dado nos mostra uma distorção Idade X Série, principalmente se considerarmos o fato de que dos 13 (treze) estudantes matriculados no IFSertãoPE, 6 (seis) estão no médio integrado e com esta idade os mesmos já teriam que estar em outra etapa de ensino. Constatamos que 54,5% dos entrevistados já foram reprovados em alguma etapa da sua vida estudantil.

Segundo Freire (2016), o índice negativo na vida escolar dos estudantes surdos acontece porque, a estes estudantes, são impostos conteúdos programáticos na Língua Portuguesa e o resultado tem sido o fracasso, a frustração, o isolamento e evasão escolar.

Outro ponto que pode estar correlacionado com os anteriores é o fato de que muitos destes estudantes não desenvolvem sua língua materna (Libras) no tempo correto, pois 81,8% dos entrevistados declararam que aprenderam libras ao iniciar sua vida escolar (entre 7 e 8 anos) com os professores de libras e intérpretes, apenas 18,2% aprenderam no seio familiar.

O fato é que a maioria destes estudantes não desenvolveu a Libras no seio familiar porque esta não buscou fomentar nas relações familiares essa comunicação. Muitos destes surdos convivem em famílias que não tem o conhecimento de sinais básicos da libras e limitam a comunicação com a pessoa surda usando apenas gestos e leitura precária de lábios. Sabemos ainda que muitos destes familiares não buscam aprender a libras por não aceitar a surdez do filho (muitos passam por um processo de luto e buscam de todas as formas a “normalidade”), por falta de informação ou mesmo de um diagnóstico em tempo hábil.

Segundo Barros (2019), o desconhecimento da libras por parte da família leva ao isolamento da pessoa surda “não somente nas instituições de ensino, mas em diversos espaços; um deles é o ambiente familiar, no qual a interação deixa de existir em virtude do desconhecimento em relação à língua”.

Para Moura, Lodi e Harrison (1997, apud STROBEL, 2018, p. 54), “os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda possuem maior segurança”. Essa mesma concepção é corroborada por Peixoto (2006, apud Santana

2007, p. 195) que afirma que “a língua de sinais constitui um apoio, um lugar de reflexão e de atribuição de sentido ao texto escrito, no qual a palavra escrita é o resultado de um diálogo entre os elementos e as características dos dois sistemas da língua”.

Esse resultado indica a importância do IFSertãoPE, enquanto instituição que busca promover a inclusão dos seus estudantes não somente dentro da própria instituição, mas em todos os ambientes nos quais os mesmos estejam, expandir a oferta de cursos na área de libras para a comunidade no geral e principalmente para os familiares das pessoas surdas.

Nas respostas aos questionários, 80% dos próprios alunos relataram que seus familiares acompanham o desempenho destes na escola. Porém, a maioria não tem o hábito de complementar seus estudos em casa (pesquisar, ler, fazer atividades sozinhos, etc.). Este fato pode estar relacionado com as dificuldades de ler textos na L2 como também com a dificuldade em fazer cálculos, pois dos 11 (onze) entrevistados, 4 (quatro) afirmaram ter dificuldades com matemática e 4 (quatro) com a Língua Portuguesa.

As perguntas seguintes tratam do acesso e da permanência dos estudantes no IFSertãoPE. Como sabemos, a Lei Federal N° 13.409 de 28 de dezembro de 2016 que altera a Lei N° 12.711 de 29 de agosto de 2012, dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Esta proporção reservada a PCD ao total de vagas foi de grande valia para os estudantes surdos, uma vez que 80% dos entrevistados afirmam ter entrado através da cota da PCD.

Ao indagarmos a estes alunos se suas necessidades específicas estão sendo atendidas e se se sentem incluídos no processo ensino e aprendizagem as respostas são iguais. O que reforça a concepção inicial de que apesar das dificuldades apresentadas pelos professores, a instituição busca oferecer um ensino de qualidade e que atenda os anseios e as necessidades de todos os estudantes.

Quando questionamos se os mesmos estavam satisfeitos com o curso escolhido a resposta foi quase unânime: 90,9% dos entrevistados estão satisfeitos com seus cursos. Apenas um dos estudantes respondeu que não, pois no decorrer do curso descobriu que não tinha afinidade com o curso optado e que pretende fazer nova seleção para outro curso. A maioria deles (81,8%) também acredita que o curso Técnico e Profissional facilitará sua entrada no mundo do trabalho. Na última questão solicitamos que os alunos fizessem uma análise das estratégias metodológicas utilizadas pelos professores e nos respondessem a partir de uma escala a frequência para cada uma das afirmações sugeridas.

Veremos na Tabela 3 que o surdo realmente é um sujeito visual e que apreende as informações usando seu sentido da visão. Este fato nos permite compreender que trabalhar com os aspectos da visualidade com estes estudantes é de extrema importância (LACERDA et. al, 2018).

Tabela 3. Escala de eficiência das práticas de ensino

<i>Item</i>	<i>Muito eficiente</i>	<i>Pouco Eficiente</i>	<i>Totalmente Ineficiente</i>
1 – Aulas de campo/laboratório	10	1	0
2 – Filmes com legenda	8	3	0
3 – Filmes sem legenda	0	2	9
4 – Uso de imagens relacionadas ao tema estudado	11	0	0
5 – Atividades em grupo	9	2	0
6 – Atividades individuais	4	7	0
7- Uso de materiais concretos	10	1	0
8 - Uso de recursos tecnológicos	11	0	0
9- Produção escrita na norma padrão da Língua Portuguesa.	3	7	1
10- Produção escrita na Língua Materna (Libras)	11	0	0

Fonte: Autora, 2020

### *Diagnóstico da educação de surdos, sob o olhar do aluno egresso*

Foram entrevistados 7 (sete) estudantes surdos que tiveram vínculo com o IFSertãoPE, sendo que 42,9% deles tinham mais de 25 anos e os demais (57,1%) com idade entre 20 e 25 anos. O motivo que levou estas pessoas a optarem por um curso Técnico Profissional foi o interesse profissional, para mais de 70% dos entrevistados.

Tratando-se da profissionalização dos surdos Viana e Irigaray (2016) afirmam que apesar do arsenal jurídico, a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho ainda tem muitos obstáculos e a falta de qualificação é uma delas. Ainda, Skliar (2016) relata que a partir do período histórico que desencadeou a industrialização é possível encontrar indícios de que o Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, fundado no final do século XVIII, já tinha como um dos seus objetivos, desenvolver habilidades profissionais nos surdos, a fim de evitar que estes no futuro, se tornassem uma carga para a família, para a comunidade, ou para associações de caridade.

Klein (2016, p. 79) reconhece que ainda hoje muitas instituições brasileiras de educação profissional para surdo trabalham quase que exclusivamente no treino comportamental, a fim de produzir surdos aceitáveis para a sociedade “dos que ouvem”.

Para Strobel (1995, apud SKLIAR, 2016, p.81) esta postura é justificada como “parte integrante do processo de reabilitação, possibilitando a sua plena integração à sociedade”.

Dos sete entrevistados, cinco finalizaram o curso e dois desistiram. O motivo da desistência foi relacionado principalmente ao fato de ter achado o curso difícil. Sobre a inclusão dos mesmos durante sua estadia no IFSertãoPE, 57,1% avaliaram como sendo boa e 42,9% como regular. O que reforça a necessidade do IFSertãoPE, continuar se esforçando para se fortalecer enquanto espaço educacional que busca a promoção e inclusão de todos.

Dos sete entrevistados, quatro estão trabalhando (57,1%) e entre estes apenas 1 (um) na área de formação: Agropecuária. Os demais estão trabalhando na área de educação (auxiliares de sala e instrutor de Libras). Esse dado confirma uma pesquisa já realizada por Carneiro e Soares (2017) em que as pesquisadoras afirmam que os surdos têm dificuldades de se empregarem em algumas áreas, mesmo tendo formação para tal.

Esse dado revela a extrema necessidade do IFSertãoPE fazer um trabalho mais direcionado ao egresso, seja de acompanhamento ou de orientação às empresas e associações parceiras, pois os mesmos, no decorrer do curso constroem sonhos de profissionalização que são impossibilitados por um (pré) conceito existente na sociedade de que pessoas surdas não podem assumir determinadas profissões.

Perguntamos se estes acreditavam se o surdo tem maior dificuldade de encontrar trabalho que o ouvinte e a grande maioria, 85,7% afirmam que sim. Além disso, 57,1% dos entrevistados revelaram que sofreram algum tipo de preconceito por ser surdo.

Para Klein (1998 apud Carneiro e Soares, 2017, p.5) o mercado tem ideia preconceituosa sobre as possibilidades de trabalho dos surdos, restringindo as ofertas de vagas para surdos aos cargos de corte e costura, marcenaria, informática, auxiliar de serviços gerais. Isto, quando ele consegue emprego e não é impelido a uma marginalidade indesejada, vendendo adesivos e chaveiros nos sinaleiros e terminais de ônibus.

Para Strobel (2018, p. 121), “a inclusão de sujeitos surdos no mercado de trabalho depende das acessibilidades adaptativas às necessidades culturais”. O que exigiria das empresas a contratação dos serviços dos intérpretes e tradutores de língua de sinais para reuniões, palestras e os cursos de formação (*id* p. 122). Além disso, para a autora, a sociedade como todo precisa eliminar a visão preconceituosa que tem em relação ao povo surdo, que não acreditam na potencialidade dos mesmos, principalmente tratando-se de questões acadêmicas.

Por fim indagamos se estes recomendavam algum curso do IF Sertão – PE para outros surdos e mais de 85% afirmaram que sim, o que representa uma excelente aceitação do ensino ofertado pelo IF Sertão –PE.

### **Considerações finais**

Diante do que já foi exposto, desenvolver uma prática pedagógica que contemple a visualidade no decorrer do processo de ensino e aprendizagem para o estudante surdo é extremamente importante, no sentido de garantir a permanência destes nas instituições de ensino, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, educacional, social e profissional dos mesmos. Compreende-se que além de uma proposta filosófica que valorize as diferenças, planejada e articulada pelas instituições de ensino, a prática pedagógica no cotidiano escolar é de suma importância para a formação integral do aluno surdo durante o seu processo de escolarização.

É necessário então que as instituições de ensino se libertem das práticas pragmáticas e única forma de ensinar, repensando e construindo novas metodologias que favoreçam os estudantes surdos, suas características e peculiaridades inerentes a visualidade.

Compreendemos, porém, que a imagem por si só também não vai garantir que o conhecimento chegue ao aluno surdo. As imagens, vídeos, slides precisam ser acompanhados por explicação na Língua de Sinais, daí a importância dos intérpretes de libras nas salas inclusivas. Entende-se então que trabalhar com aspectos da visualidade para os surdos é uma possibilidade para ampliar a aprendizagem destes, porém, exige das instituições de ensino um esforço que ultrapassa as metodologias didáticas planejadas pelo professor, é uma junção de metodologias adequadas, acessibilidade linguística (presença de intérprete) e acessibilidade curricular.

Enfim, as instituições de ensino precisam acreditar que estudantes surdos são capazes de aprender e desenvolver qualquer projeto que lhes proponha; e que para tal é necessário no decorrer destas atividades utilizar estratégias de ensino que valorizem a sua cultura e identidade, preparando estes estudantes para uma vida mais independente, rumo ao mundo do trabalho. Pois, entende-se que a instituição que se dispõe a ensinar alunos surdos, precisará estar atenta à necessidade urgente de contemplar a singularidade

linguística do grupo e buscar meios para que a diferença seja atendida e a inclusão verdadeiramente aconteça.

## **Referências Bibliográficas**

- BARROS, M. P. L. Desafios na formação docente para a inclusão de surdos no IF Sertão PE Campus Salgueiro. 2018. 141f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2018.
- FREIRE, A. M. F. Aquisição do Português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de surdos. 6 ed., Porto Alegre Mediação, v. 2, 2016.
- KLEIN, M. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. 8 ed., Porto Alegre Mediação, 2016.
- KUENZER, A. Z., GRABOWSK, G. A produção do conhecimento no campo da educação Profissional no regime de acumulação flexível. Ver. HOLOS ano 32, v.6. 2016.
- LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L.F. dos. Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdo. São Paulo: EdUFScar, 2018.
- LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 18 ed., São Paulo: Edições Loyola. 2002.
- LIBÂNEO, J. C. Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. São Paulo: Alínea, 2005.
- LODI, A. C. B. Ensino da Língua Portuguesa como segunda Língua para surdos: impacto na Educação Básica. Introdução à Libras e educação de surdo. São Carlos: EdUFScar, 2018.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar – O que é? Por que? Como fazer? 1. reimpressão - São Paulo: Summus, 2015.
- MELLO, A. R. .L. Refletindo sobre a inclusão escolar Brasileira. Journal of Research in Special Educational Needs, v.16, Ago. 2016, pp.931-935.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº. 9394, de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: DF, 1996.
- OLIVEIRA, R. de; A possibilidade da escola unitária na sociedade capitalista. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas v.32, p. 141 - 160, jan./abr., 2009.

PDI. Plano de Desenvolvimento Institucional do IF Sertão-PE (2019/2023) 253p. Disponível em: <https://www.ifsertao-pe.edu.br>. Acesso em: 02 de fev. de 2019.

RAMOS, M. N. História e política da educação profissional [recurso eletrônico]. Coleção formação pedagógica; v. 5, Curitiba : Instituto Federal do Paraná, 2014.

SANTOS FILHO, J.C.: GABOA, S.S. Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: autores associados, 2007.

SAVIANI, D. O Choque teórico da politécnica. Trabalho, Educação e Saúde, v. 1, p.131-152, 2003.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SKLIAR, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças – 8 ed. Porto Alegre Mediação, 2016.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. 4. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2018.

VIANA, A. S.; IRIGARAY, H.A.R. A inserção dos surdos no mercado de trabalho: políticas públicas, práticas organizacionais e realidades subjetivas. Revista Gestão e Planejamento, Salvador, v. 17, n. 2, p. 214-232, maio/ago. de 2016.

XAVIER, N. S. O percurso dos estudantes surdos no ensino profissional e tecnológico no Instituto Federal do Sertão – PE. 2020. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal Sertão Pernambucano, Salgueiro/PE, 2020.